

O corpo na encruzilhada: entre o saber e o fora de sentido

Luís Felipe Ferreira de Souza¹

¹ Mestrando em Psicologia do Trabalho na Universidade de Coimbra. Graduado em Psicologia pela Faculdade Frassinetti do Recife.

Resenha de: Gonçalves, G. (2022). *Corpo e clínica psicanalítica: teoria e prática*. Curitiba: Juruá.

O corpo sempre ocupou o espaço de centralidade na reflexão acerca das etiologias de manifestações de sintomas psíquicos, constituindo contrassensos ao longo da história. A histeria, objeto de pesquisa presente nas fundações da Psicanálise, já abrigou uma multiplicidade de interpretações que iam desde performances teatrais a disfunções uterinas. Na conjuntura atual, ampliam-se o foco de atenção dado ao corpo e as possibilidades de modificá-lo com o auxílio das biotecnologias. Por conseguinte, têm-se novas modalidades de sofrimento experienciadas no corpo, constituindo desafios diagnósticos para as ciências.

É buscando melhor se aproximar e delimitar as manifestações sintomáticas desses tempos que Gesiani Gonçalves (2022) nos convida a um percurso rumo aos descobrimentos das expressões inconscientes do corpo. Em seu livro *Corpo e clínica psicanalítica: teoria e prática*, a autora se fundamenta na Psicanálise para iniciar seu trajeto partindo do pressuposto de que o corpo é o lugar do enigmático. Sendo assim, como poderíamos tentar melhor compreender os rebatimentos não simbolizáveis dos sintomas que se manifestam por sua escrita no corpo?

É com o intento de elucidar e construir novos questionamentos que a autora se utiliza do conceito tardio da obra lacaniana de *acontecimento de corpo*, investigando suas aparições e as abordagens de comentadores, sua relação para com o real, o gozo e os sintomas. Devido à aparição tardia do conceito, Lacan deixou para a posterioridade o seu aprofundamento, sendo necessário desvendar as características de suas manifestações. Por isso, Gonçalves (2022) realiza conceituações e distinções acerca das conversões históricas, somatizações e fenômenos psicossomáticos, sempre almejando tocar no acontecimento de corpo enquanto uma aparição teórica menos enigmática.

Para tal, Gonçalves (2022) se utiliza da metáfora de um caleidoscópio, que a cada novo giro produz uma infinidade de novas imagens e novos cenários, operando uma digressão epistemológica de Freud a Lacan, do sintoma ao *sinthoma*. O sintoma, compreendido por Freud como o resultado de um conflito intrapsíquico condensado em mensagem, tem seus sentidos ampliados em Lacan. A repetição do sintoma sublinha a existência de um núcleo pulsional que excede o poder de simbolização da palavra. O caminho feito por Lacan do simbólico ao real o conduz a dar predominância ao potencial de inventividade do sujeito mediante o caráter fora de sentido do gozo. O *sinthoma*, em sua dimensão de real, opera uma sutura criativa na fatura simbólica.

O livro é composto por três partes, sendo a primeira formada pelos prefácios e apresentação, os quais introduzem os pilares que compõem a obra. O leitor é conduzido a se familiarizar com os pontos centrais do texto de modo a acomodar-se ao ritmo da caminhada iminente. Introduce-se a tese do livro, segundo a qual o sintoma é um acontecimento de corpo quando associado a um gozo promovido por *lalangue*. A segunda parte contém quatro capítulos nos quais são desenvolvidos o tema propriamente dito da obra; por fim, a última parte apresenta considerações construídas ao longo do texto.

No que concerne ao desenvolvimento propriamente dito, a autora inicia o primeiro capítulo explorando como o corpo é abrigo do enigmático e tem estado no cerne do desentendimento médico há tempos. Nessa perspectiva, sua argumentação parte de uma análise das edições do DSM-4 e DSM-5, salientando sua lógica racional e organicista de conceber o corpo. Assim, as pretensões de objetividade do manual são contrapostas por mudanças diagnósticas ao longo das edições. Na imprecisão dos manuais, a autora enxerga o que Lacan (1966/2001) diz sobre existir uma falha epistemo-somática no saber científico, ou seja, “um corte entre saber da ciência e o desejo do sujeito” (Gonçalves, 2022, p. 43). As descrições e prescrições científicas dos manuais, assim, não poderiam abarcar a experiência humana, apontando sempre para um lugar onde o saber malogra. Ao contrário, a autora aponta para a Psicanálise como uma *práxis* que vai de encontro ao saber médico tradicional, dando ênfase à singularidade. Desse modo, o sujeito pode reconstituir sua história narrando-a em primeira pessoa para o estabelecimento da relação entre seus sintomas e sua biografia.

Visando melhor elucidar as razões que sustentam a proposição de um corpo enigmático, o percurso do texto segue para a exploração do processo constitutivo do corpo inconsciente, habitado pelo fora de sentido. Seu ponto de partida é o estado do espelho. Nesse momento primitivo da infância, a criança estabelece as primeiras relações imaginárias, o que faz com que seu corpo ganhe contornos em um processo de reconhecimento formador do Eu. O produto da operação do estádio do espelho é um vazio que aponta para um espaço vazio entre anatomia e corpo. Constitui-se, assim, um corpo simbólico, preenchido pela linguagem, mediante as nomeações dadas à criança que atestam a existência de mitologias, crenças e expectativas que a precedem e a inserem no discurso.

As nomeações das pessoas que encarnam o Outro para a criança preenchem seu corpo com uma “massa muscular” de significantes. Nas palavras de Quinet (2017, p. 80), citado por Gonçalves (2022, p. 208), “intimidações significantes, do tipo ‘tu és’[...]”, fornecem esse suporte para o corpo. Logo, a marca do significante no corpo funda o sujeito, tornando-o desejante ao mesmo tempo que pulsional. Por outro lado, o vazio entre organismo e corpo constituído na linguagem é um resto que se decanta desse processo, sendo esse pedaço um objeto inapreensível, constantemente causador do desejo por sua efemeridade.

Após as primeiras imagens formadas no caleidoscópio proposto por Gonçalves (2022), o capítulo segundo inicia-se retomando a discussão do corpo como embaraço, salientando os destinos incertos da pulsão. Nesse capítulo, a autora visa aprofundar a transformação do organismo em corpo por intermédio da linguagem. É aqui que serão discutidas as noções de esquema corporal e imagem de corpo com o auxílio de Françoise Dolto, para uma melhor compreensão do corpo recortado pelo real, simbólico e imaginário. A pulsão, tendo sua origem no corpo, é determinante para que a Psicanálise faça orbitar suas construções teóricas em torno da sexualidade, sobretudo as noções de sintoma e desejo. Nessa perspectiva, ao longo do segundo capítulo, a autora salienta a pulsão em sua capacidade de afetação do corpo na produção de sintomas.

Buscando ampliar a compreensão das fronteiras do corpo, Gonçalves (2022) também recorre a contribuições de Dolto (2015) para realizar importantes distinções acerca da corporeidade pulsional marcada pelo simbólico. Dolto (2015), pensando a partir da Psicanálise lacaniana, vai distinguir a imagem do corpo e esquema corporal. A imagem do corpo seria marcada por sua capacidade de encarnação simbólica do sujeito desejanste. Isto é, sua captura como um corpo inconsciente, acessível apenas parcialmente, que fora introduzido à vida mediante o processo de identificação e perda de uma libra de carne. Em contrapartida, o esquema corporal corresponde a um corpo consciente e conscientemente preconcebido, apoiando-se na fisiologia do organismo vivo, cujos órgãos funcionam teleologicamente na sua manutenção.

Ambos, o esquema corporal e a imagem do corpo, entrecruzam-se e se sobrepõem, na medida em que o organismo se transforma em corpo na linguagem. A imagem corporal é o revestimento simbólico que recobre o corpo em carne viva, ou seja, o esquema corporal. A sobreposição faz-se notar no momento em que o sintoma aparece no esquema corporal em forma de sinais clinicamente observáveis quando sua origem está fincada na lei do significante. Por meio do passeio através das distinções realizadas sobre o corpo, pode-se melhor apreender como o sintoma é produto do cruzamento entre anatomia e corpo, tendo um núcleo pulsional de contornos simbólicos que podem advir como sentido mediante a fala.

O sintoma se apresenta como uma mensagem codificada devido ao recalque do conflito psíquico que o originou. Assim, a escuta em análise serve como decodificador da mensagem imbuída no sintoma; atividade que o faria, em tese, cessar. Contudo, ao observar a reincidência do sintoma, Freud percebe a existência de um elemento mais além do princípio do prazer que confere um apego persistente do sujeito ao sintoma. Esse elemento foi nomeado por Lacan como gozo, o impossível de ser simbolizado.

Nos casos investigados por Freud, notaram-se sintomas que marcavam os corpos provenientes de conflitos psíquicos, tal como na conversão histérica. O caráter de mensagem do sintoma neurótico explicita a sua submissão à lei do significante e sua dimensão de fala. No entanto, o mesmo sintoma teria um limiar impossível de ser simbolizado por não fazer parte da cadeia de significantes. Esse gozo presente no sintoma é propriamente o real, um âmbito não colonizado por imagens, no qual impera o fora de sentido.

Há, entretanto, uma problemática ao tratar do sintoma enquanto detentor de um núcleo de gozo ao mesmo tempo que é mensagem simbólica. Isso se dá em razão de, aparentemente, o sintoma simbólico e o sintoma em sua dimensão de real corresponderem a dois momentos distintos no repertório teórico lacaniano. Conhecendo a primazia do simbólico, em um primeiro momento, e a ênfase dada ao real, mais tardiamente, na construção lacaniana, Gonçalves (2022, p. 105) reconhece a polissemia do sintoma em Lacan, discernindo inclusive a passagem do sintoma ao *sinthoma*: “Podemos compreender o sintoma pela perspectiva lacaniana como mensagem, como modo de gozo, como sintoma letra e como invenção. [...] Portanto, o sintoma em Lacan aponta para diferentes direções, cabe a nós apreender os rumos dessas veredas”.

A autora defende ainda haver um miolo gozoso mesmo no sintoma simbólico, que seria atestado inclusive pelos textos tardios de Lacan. Gonçalves (2022) argumenta que o próprio Freud notara esse núcleo nos sintomas de suas pacientes, o que o levou a elaborações acerca da adesividade da libido e da dimensão incurável da angústia como manifestação da pulsão de morte. Desse modo, a autora localiza tanto na obra de Freud quanto na de Lacan a existência de uma porção não simbolizável mesmo no sintoma enquanto metáfora: “a ideia que um sintoma não é somente sentido, mas que ele possui um núcleo pulsional não representado (causando fixidez) permeia os estudos tanto de Freud quanto de Lacan” (Gonçalves, 2022, p. 108).

Entretanto a problemática parece não se resolver quando a autora cita Soler (1995), afirmando que o sintoma em Lacan deixa de ser simbólico, não sendo mais da ordem do significante, mas da ordem da letra, isto é, do gozo do real. Contudo Gonçalves (2022) se opõe asseverando ser problemática a negação do sintoma enquanto metáfora na Psicanálise. Ela identifica no seminário RSI de Lacan (1974-1975/2016) subsídios para pensá-lo enquanto simbólico, na medida em que apresenta uma dimensão real. Nele, Lacan “refere-se ao sintoma como sendo aquilo em que o simbólico consiste, indicando que o simbólico dá consistência” (Gonçalves, 2022, p. 110). O psicanalista apresenta o sintoma, posteriormente no mesmo seminário, como função de letra. Assim, Gonçalves justifica que o sintoma tem uma dupla face, de mensagem decifrável e de gozo, simbólico e real.

Se o sintoma tem uma dimensão irrepresentável, é possível se pensar em uma clínica do real, na qual a indeterminação abre espaço para a criação de si mediante a transformação do sintoma em *sinthoma*, realizando-se enquanto invenção a partir do encontro com o incurável.

No compasso do capítulo 3, Gonçalves (2022) realiza um consistente giro por entre as paisagens da psicossomática, visualizando seus estatutos a partir de diferentes abordagens, inclusive suas aparições na obra de Lacan. Desse percurso, um fator relevante a ser guardado se refere ao não lugar da psicossomática. As manifestações sintomáticas que a compõem têm sido examinadas com perplexidade ao longo da história devido à impossibilidade de se chegar às suas etiologias por parte da medicina. Nesse caso, a incapacidade de encontrar os fatores causais das doenças psicossomáticas parece demonstrar o caráter fronteiro dessas manifestações, dificultando o trabalho de compreensão por meio do paradigma dicotômico mente-corpo.

Saindo do âmbito da psicossomática, a autora nos conduz a uma digressão no percurso, de volta para os primórdios da Psicanálise, quando Freud desconfia da etiologia nevrálgica da histeria. Em sua busca, o autor da Psicanálise percebe distinções entre as formas de produção do sintoma e da dor. No primeiro caso, a formação ocorre mediante o retorno do recalçado, quando o psiquismo, exaurindo o representante ideacional, condensa a excitação sexual e a satisfaz por uma via substitutiva. Em outros casos, Freud percebe que a dor física de etiologia orgânica, formada pela excitação sexual, não se dá devido ao retorno do recalçado. As neuroses denominadas por Freud como “atuais” pertenceriam ao segundo tipo, cuja causa seria o uso inadequado da energia sexual.

Gonçalves (2022) realiza esse passeio de volta ao início da obra freudiana para que sua argumentação possa seguir na direção de uma construção acerca das ressonâncias não simbolizáveis sobre o corpo. Isso porque a existência de sintomas que têm origem no corpo físico, em termos econômicos, explicita uma origem não simbólica, ou seja, não há mensagem a ser decifrada nos ladrilhos do sintoma. Se não se trata de um sintoma de caráter simbólico, como seria possível operar uma cura em análise por meio da palavra, elemento *sine qua non* para a simbolização dos conflitos inconscientes?

O retorno aos sintomas histéricos nos serve para comparar a segunda classe de sintomas, que não têm um plano de fundo simbólico, com a problemática da psicossomática. Se essa última foi, como mostrado, sinônimo de contrassenso por suas causas desconhecidas, isso se deu por causa de seu caráter não simbolizável, mesmo que algumas vertentes terapêuticas tenham proposto abordá-la por um viés interpretativo. Com isso, Gonçalves (2022) defende que desde Freud já era possível enxergar a existência de sintomas sem mediação simbólica, apontando para uma tentativa de satisfação que não passa pelo circuito significante. Sendo assim, a autora salienta, com base nas formulações de Lacan, que o fenômeno psicossomático trata “de uma manifestação do real inapreensível pelo significante, o que nos leva a crer que a psicossomática está no limite da teorização” (Gonçalves, 2022, p. 158).

A caracterização do fenômeno psicossomático como um furo no simbólico possibilita a criação de afinidades para com o *acontecimento de corpo*, sendo ambos uma incidência não simbólica sobre o corpo. Isso posto, retornamos à questão levantada anteriormente: como se daria o manejo de um fenômeno psicossomático em análise, tendo em vista seu substrato real? Ao considerar que o ponto em comum entre sintoma neurótico e fenômeno psicossomático é o fato de ambos serem conflitos inconscientes, a escuta em análise serviria como forma de reintegrar o conflito aos circuitos da linguagem. Encerra-se o terceiro capítulo do percurso tendo passado por fronteiras e litorais que indicam novos panoramas pintados pelos giros do caleidoscópio.

No capítulo 4, momento final do livro, as imagens apresentadas compõem cenários que desenvolvem noções de *acontecimento de corpo*. A começar pela Filosofia deleuziana, na qual o acontecimento aparece como elemento central em *Lógica do sentido* (Deleuze, 2007), decorrente da Filosofia estoica dos incorporais. Em Deleuze, o *événement* rompe com a lógica da causalidade da linguagem que designa coisas, mas mantém relação com a linguagem “que está na fronteira entre proposições e coisas” (Gonçalves, 2022, p. 186). A autora pondera se a linguagem do acontecimento, capaz de marcar o corpo, teria relações com *lalangue*, o linguajar sem sentido que incide sobre a criança mediante o contato com os primeiros indícios de linguagem.

Os efeitos de *lalangue* marcam o corpo em um momento pré-linguístico, no contato com os primeiros significantes. Tal marca no corpo produz inscrições que configuram a matriz segundo a qual serão produzidos sintomas no corpo da criança em um momento inaugural. Gonçalves (2022, p. 193) reforça que, “Deste giro, consideramos ser viável extrair aquilo que é sua essência [do acontecimento de corpo]: fragmentos de linguagem que marcam o corpo. [...] É necessário, pois, que o sujeito encontre os acontecimentos com os quais seus sintomas possam ser rastreados”.

O delineamento de uma compreensão de *acontecimento de corpo* passa pela dimensão fora de sentido de *lalangue*, quando há o encontro primitivo que fixa o afeto no corpo como superfície de inscrição. Haveria um encontro traumático no momento em que a demanda do bebê pelo Outro, o seu chamado por seus pais, é negado. Cria-se um sintoma, ou seja, uma repetição, como o sono após a não resposta ao seu apelo. Desse modo, de acordo com Laurent (2016, p. 50), citado por Gonçalves (2022, p. 198), “o acontecimento é ‘tudo o que chega’ com uma dimensão de surpresa ou contingência, antes que se possa estabelecer o sentido desse encontro”. O *acontecimento de corpo* seria o acontecimento de *lalangue* e a constatação de seus efeitos no corpo. Falar em *lalangue* é apontar para as marcas inconscientes impressas no corpo quando ainda não havia encadeamento significativo, distinguindo essa língua fora de sentido da linguagem que tem como referência a comunicação. Trata-se do afeto dessa língua gozosa sobre o corpo, que não se satisfaz por intermédio do significante, mas pela musicalidade enigmática própria da escrita hieroglífica.

Tendo encerrado o quarto capítulo, Gesianni (2022) inaugura o derradeiro passeio de sua obra. O seu “momento de concluir”, como a autora destaca, não pretende apresentar conclusões, o que seria incompatível com o encontro com a fissura que marca o fora de sentido do sujeito. Antes, a autora realiza uma amarração entre as hipóteses introduzidas no princípio do texto e as imagens formadas em seu caleidoscópio, criando um mosaico, inacabado, a ser desbravado. O itinerário construído por Gesianni Gonçalves desvela a transição do sintoma em sua dimensão simbólica para o *sinthoma* atrelado ao gozo do real. Na obra lacaniana, o sintoma perde espaço enquanto mera mensagem construída sobre o sentido e passa ao âmbito fora de sentido que se materializa na repetição. Tal deslocamento provoca mudanças na clínica, cuja proposta de compreensão e deciframento do sintoma, após entrada em análise, dá lugar ao alargamento do fora de sentido que caracteriza a repetição que aflige o corpo.

Nesse contexto, o fim da análise não promete ao sujeito a compreensão daquilo que lhe escapa, menos ainda a eliminação de seu sofrimento. No entanto, a clínica psicanalítica possibilita o esquadrinhamento dos limites do que cada um, em sua singularidade, pode fazer com os resíduos de uma escrita inconsciente que remete aos tempos de *lalangue*, quando se efetuara um *acontecimento de corpo*. Para tanto, somente o suporte dado ao inconsciente pelo corpo possibilitará a caminhada por esse extensivo trajeto rumo ao fora de sentido, que sempre atesta a existência de vida na qual a palavra não se lê.

A dimensão fora de sentido do *acontecimento de corpo* torna-o objeto de estudo acerca de um não-todo contingente, o que encerra tentativas de apreendê-lo em teorizações. As aproximações do conceito sublinham o seu valor para o entendimento da repetição do sintoma e da invenção do *sinthoma*, isto é, os caminhos em direção à construção singular do sujeito perante o embaraço do real.

Assim, durante o trajeto da autora, somos levados a pensar sobre as incidências do sintoma no corpo, suas relações para com o real e para com o *acontecimento de corpo*. Por se tratar de um conceito tardio, ele aparece na edificação de Lacan como um termo ainda incipiente. Gonçalves (2022) nos conduz a perspectivas que possibilitam maior compreensão do conceito, de modo que passamos a entender o *acontecimento de corpo*

como o resultado de *lalangue* sobre o corpo, entrecruzado por esquemas e imagens. A partir das elaborações de Gonçalves (2022), tem-se abertura para suscitar novos questionamentos por meio das pistas elencadas por seu trabalho de garimpo bibliográfico. No entanto, pretensões de teorizações que possibilitem uma clínica do *acontecimento de corpo* fracassam devido ao seu caráter não categorizável.

Referências

- Deleuze, G. (2007). *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva.
- Dolto, F. (2015). *A imagem inconsciente do corpo* (3a ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Lacan, J. (1966/2001). O lugar da Psicanálise na Medicina. *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, 32, 8-14.
- Lacan, J. (1974-1975/2016). *O seminário, livro 22: RSI*. Inédito.
- Soler, C. (1995). *Variáveis do fim da análise*. Campinas: Papyrus.

Resumo

A certeza de ter um corpo constitui matéria de obviedade, mas as suas manifestações sintomáticas apontam para um âmbito no qual o saber malogra. O interesse pelo corpo pulsional entrecruzado pelo simbólico está no cerne da Psicanálise, sendo uma ferramenta para a compreensão das expressões corporais enigmáticas. Com o intento de contribuir para o entendimento de tais manifestações, Gonçalves realiza um primoroso trabalho em que promove uma aproximação dessas expressões com o conceito lacaniano de acontecimento de corpo. Por meio do diálogo com interlocutores da Psicanálise e da Filosofia, a autora nos leva a um percurso que vai de Freud a Lacan, salientando as distinções entre sintoma, fenômeno psicossomático e acontecimento de corpo. Há no corpo sintomas provenientes da marca do contato primitivo com o significante. Os efeitos do afeto que se inscreve no corpo, caracterizado como *lalangue*, configura o gozo sem sentido do acontecimento de corpo. As elaborações da autora permitem o alargamento reflexivo acerca da construção inventiva do *sinthoma* no fim da análise e dos limites e possibilidades da clínica psicanalítica perante o real do corpo.

Palavras-chave: Corpo. Sintoma. Acontecimento de corpo. Gozo. Sinthoma.

The Body at the Crossroads: Between Knowledge and Nonsense

Abstract

The certainty of having a body is obvious, but its symptomatic manifestations point to an area where knowledge fails. The interest in the instinctual body intertwined with the symbolic is at the heart of psychoanalysis, which is a tool for understanding enigmatic bodily expressions. With the intention of contributing to the understanding of such manifestations, Gonçalves carries out an exquisite work where she promotes an approximation of these expressions to the Lacanian concept of body event. Through dialogue with interlocutors from psychoanalysis and philosophy, the author takes us on a path that goes from Freud to Lacan, highlighting the distinctions between symptom, psychosomatic phenomenon and the body event. There are symptoms in the body that come from the mark of primitive contact with the signifier. The effects of the affection that is inscribed in the body, characterized as *lalangue*, configures the nonsense jouissance of the body event. The author's elaborations allow a reflective expansion about the inventive construction of the *sinthome* at the end of analysis and the limits and possibilities of the psychoanalytic clinic in the face of the real of the body.

Keywords: Body. Symptom. Body event. Jouissance. Sinthome.

Le corps à la croisée des chemins: entre savoir et non-sens

Résumé

La certitude d'avoir un corps est évidente, mais ses manifestations symptomatiques pointent vers un domaine où la connaissance échoue. L'intérêt pour le corps pulsionnel mêlé au symbolique est au cœur de la psychanalyse, qui est un outil de compréhension des expressions corporelles énigmatiques. Dans l'intention de contribuer à la compréhension de telles manifestations, Gonçalves réalise un travail distinct où elle promeut une approximation de ces expressions au concept lacanien d'événement de corps. A travers le dialogue avec des interlocuteurs issus de la psychanalyse et de la philosophie, l'auteur nous conduit sur un chemin qui va de Freud à Lacan, mettant en évidence les distinctions entre symptôme, phénomène psychosomatique et événement de corps. Il y a des symptômes dans le corps qui viennent de la marque du contact primitif avec le signifiant. Les effets de l'affection qui s'inscrit dans le corps, qualifiés de *lalangue*, configurent la jouissance non-sens de l'événement de corps. Les élaborations de l'auteur permettent un approfondissement réflexif sur la construction inventive du sinthome en fin d'analyse et sur les limites et possibilités de la clinique psychanalytique face au réel du corps.

Mots clés: Corps. Symptôme. Événement de corps. Jouissance. Sinthome.

El cuerpo en la encrucijada: entre el saber y el sinsentido

Resumen

La certeza de tener un cuerpo es evidente, pero sus manifestaciones sintomáticas apuntan a un terreno donde el conocimiento falla. El interés por el cuerpo instintivo entrelazado con lo simbólico está en el corazón del psicoanálisis, siendo una herramienta para comprender expresiones corporales enigmáticas. Con la intención de contribuir a la comprensión de tales manifestaciones, Gonçalves realiza un exquisito trabajo donde promueve una aproximación de esas expresiones al concepto lacaniano de acontecimiento de cuerpo. A través del diálogo con interlocutores del psicoanálisis y la filosofía, la autora nos lleva por un camino que va de Freud a Lacan, destacando las distinciones entre síntoma, fenómeno psicósomático y evento corporal. Hay síntomas en el cuerpo que provienen de la marca del contacto primitivo con el significante. Los efectos del afecto que se inscribe en el cuerpo, caracterizado como *lalangue*, configuran el goce sin sentido del acontecimiento de cuerpo. Las elaboraciones del autor permiten

una ampliación reflexiva sobre la construcción inventiva del sinthome al final del análisis y los límites y posibilidades de la clínica psicoanalítica frente a lo real del cuerpo.

Palabras clave: Cuerpo. Síntoma. Acontecimiento de cuerpo. Goce. Sinthome.